



Psiquiatras e Psicólogos nos Julgamentos de Nuremberg

Psychiatrists and Psychologists in Nuremberg Trial

“Isto aconteceu, portanto, isso pode voltar a acontecer”

Primo Levi: “Os afogados e os sobreviventes”¹.



Max Ernst, “Europe after the rain”.

Adrian Gramary

1 - A escolha do local

Durante a Segunda Guerra Mundial, entre 1940 e 1942, o pintor surrealista alemão Max Ernst pintou no exílio um quadro, que intitulou *“Europe after the rain”*, no qual imaginava a Europa, após o fim do conflito bélico, como uma paisagem apocalíptica de ruínas informes, sobre a qual dominava a figura de um soldado. Em 1945, *anno zero* para uma Alemanha em ruínas físicas e morais (tal como tinha antecipado Ernst), a Europa tentava esclarecer a responsabilidade da hierarquia política nazi nos crimes cometidos durante a Segunda Guerra Mundial. As potências aliadas, vencedoras da guerra, decidiram criar um Tribunal Militar Internacional que permitisse julgar os principais responsáveis políticos e militares do governo nazi, e escolheram para o dito objectivo, pela sua especial significação simbóli-

ca, a cidade de Nuremberg. Esta cidade medieval tinha sido testemunha das cenográficas reuniões do partido nazi, captadas para a imortalidade pela câmara de Leni Riefenstahl; e o Palácio de Justiça da cidade renovou este protagonismo histórico da cidade ao transformar-se no cenário da aprovação das famosas Leis de Nuremberg que, em 1935, oficializaram a segregação racial, impedindo os casamentos mistos.

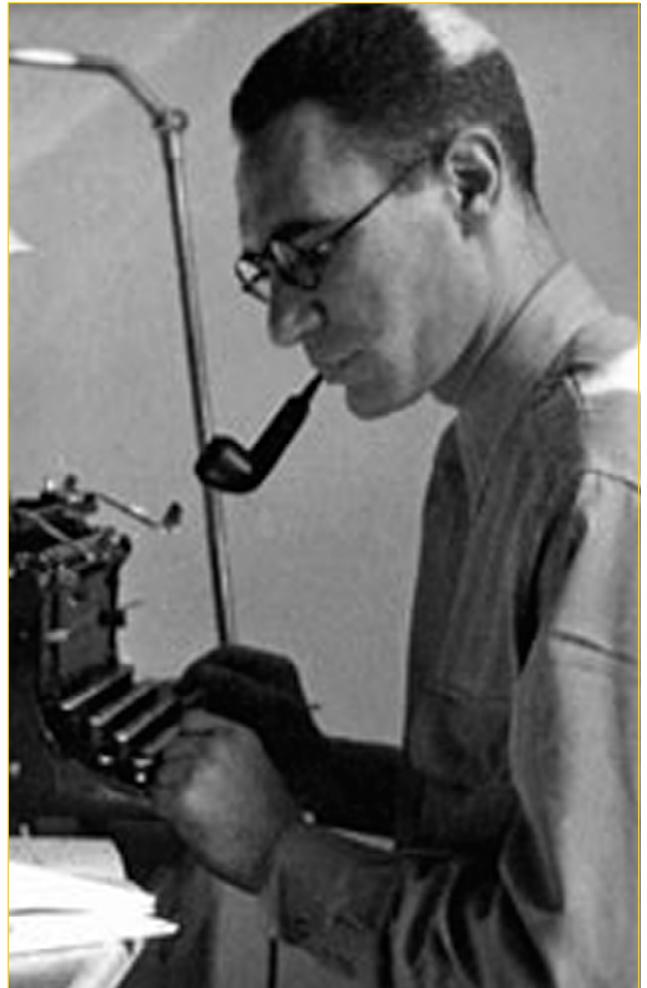
2 - A escolha dos psicólogos e psiquiatras

Douglas Kelly foi o primeiro psiquiatra escolhido pelos aliados para prestar apoio médico e psicológico aos arguidos reclusos na prisão de Nuremberg. Kelly foi substituído durante o curso dos julgamentos por Leon M. Goldensohn, médico psiquiatra norte-americano de origem judia. Com Kelly e Goldensohn trabalhava um psicólogo, Gustave Gilbert, que foi o responsável da avaliação psicológica dos reclusos.



Julgamentos de Nuremberg

Em situações especiais e complexas, como foi o caso da avaliação do estado mental de Rudolf Hess ou de Julius Streicher, foram nomeadas comissões científicas formadas por psiquiatras de diferentes nacionalidades, entre os quais foram consultados o psiquiatra francês Jean Delay (um dos elementos do famoso *tandem* que descobriu o efeito anti-psicótico da clorpromazina) e três catedráticos de psiquiatria norte-americanos (D. Ewen Cameron, Nolan D.C. Lewis e Paul L. Schroeder).



Leon Goldensohn

3 - Um livro de entrevistas e um caderno diário

Durante os sete meses que passou na prisão, Goldensohn recolheu pormenorizadamente as entrevistas que manteve com os principais protagonistas. Com Goldensohn trabalhava o psicólogo Gustave Gilbert, que fazia parte dos Serviços de Inteligência dos Estados Unidos, e para quem o “tesouro psicológico” dos principais políticos nazis oferecia uma oportunidade única para a investigação.

Gilbert publicou um livro sobre o processo (“*Nuremberg Diary*”) na forma de caderno; e os planos iniciais de Goldensohn também incluíam a ideia de escrever um livro baseado nas entrevistas. Embora o livro de Goldensohn nunca chegasse a ver a luz, o psiquiatra arquivou aponta-

mentos muito pormenorizados das entrevistas. Estes apontamentos, que a sua irmã Eli Goldensohn supervisionou, foram publicados pela primeira vez em 2004 nos Estados Unidos e posteriormente traduzidos em espanhol (“*Las entrevistas de Nuremberg*”) e português (existe tradução brasileira).

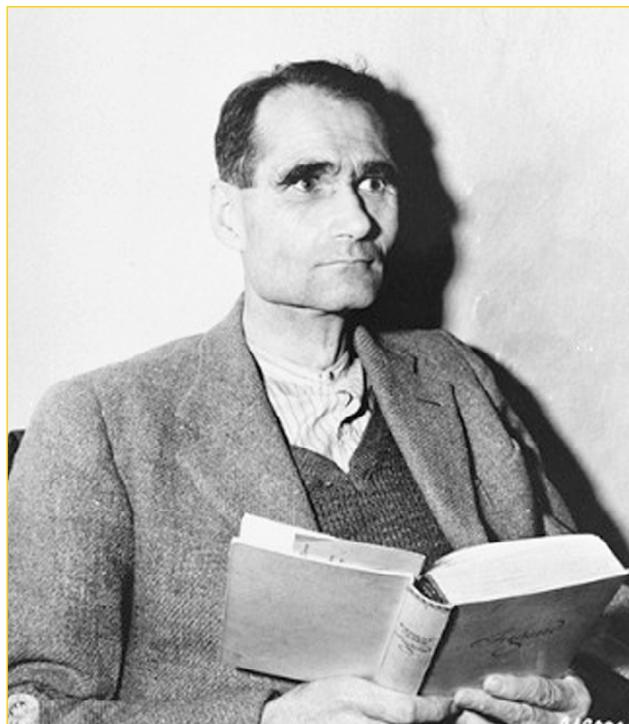
4 - O caso Hess

Um dos casos com maior transcendência psiquiátrica durante os julgamentos de Nuremberg foi o caso de Rudolf Hess. No dia 10 de Maio de 1941, em plena guerra mundial, Hess, antigo secretário pessoal de Hitler e seu sucessor potencial na hierarquia nazi, viajou de avião desde a cidade bávara de Augsburg até à Escócia para tentar negociar um tratado de paz com os britânicos. Foi detido e interrogado pelas autoridades do Reino Unido e esteve preso durante mais de quatro anos, até ser transferido para Nuremberg em Outubro de 1945, na altura dos julgamentos.

Durante a sua estada na cadeia do Reino Unido, mais precisamente no dia quatro de Outubro de 1943, Hess começou a apresentar amnésia total que desapareceu, também bruscamente, no dia 4 de Fevereiro de 1944. Entre esta data e o dia 12 de Julho do mesmo ano apresentou uma boa memória e confessou que a amnésia tinha sido simulada. Perante a perspectiva de vir a ser julgado, voltou a manifestar amnésia absoluta, e assim se manteve durante todo o período em que poderia ter sido interrogado.

Os psiquiatras que o avaliaram em 1941, ao chegar à Grã-Bretanha, encontraram fortes tendências paranóicas que podiam degenerar numa psicose permanente. No relatório feito pelos médicos que o acompanharam nessa prisão, havia múltiplas referências ao comportamento instável que tinha apresentado durante a sua passagem por lá: salientava-se o antecedente de duas tentativas de suicídio, as queixas frequentes de sintomatologia somática na forma de dores gástricas contínuas, e ainda os estados delirantes em que frequentemente entrava e, durante os quais, suspeitava que podia ser vítima de envenenamento por parte dos britânicos (de facto, ao chegar a Nuremberg trazia uns pequenos pacotes com amostras de comida que queria que fossem analisados quimicamente para demonstrar que os britânicos tinham tentado envenená-lo).

O psiquiatra Douglas Kelly entrevistou Hess múltiplas vezes em Nuremberg e concluiu que tinha boa saúde men-



Rudolf Hess

tal: a paranóia era ligeira e os delírios breves e isolados, as restantes funções mentais estavam bem, exceptuando uma amnésia irregular. Ao serem-lhe apresentados sucessivamente os antigos colegas de partido, Hess referiu não reconhecer nenhum deles. Recordava algumas coisas com clareza, em particular, as relacionadas com o seu delirante temor ao envenenamento, mas parecia esquecer acontecimentos recentes que até um amnésico convencional teria recordado. Kelly diagnosticou que tinha “*uma personalidade com propensão ao comportamento histérico e obsessivo*”². Julgou que a amnésia era histórica, recomendando o uso de fármacos injectáveis para induzir um estado hipnótico capaz de reduzir os factores de auto-sugestão, e declarou o examinando como são e responsável.

Perante os diferentes pareceres, o tribunal decidiu nomear uma comissão científica formada por médicos e psiquiatras para determinar com precisão o estado mental de Hess e determinar se estava apto ou não para ser julgado. Dez peritos procedentes dos quatro países acusadores examinaram o detido e apresentaram os seus relatórios, que foram notavelmente unânimes. As conclusões foram tão semelhantes que um dos peritos referiu que eram uma boa

prova de que “a psiquiatria era uma ciência sólida”². Os peritos soviéticos concluíram que a amnésia era de natureza histórica e não o resultado de uma doença mental, e os delírios paranóides que tinha apresentado, enquanto estava recluso nas prisões britânicas, não eram provocados por uma esquizofrenia, mas faziam parte de uma reacção psicologicamente compreensível perante o fracasso e a situação de reclusão por parte de uma personalidade instável. Os peritos norte-americanos, franceses e britânicos diferiram pouco deste veredicto, embora achassem que a amnésia era mais intencional, isto é simulada. Resulta extremamente interessante ler algumas das conclusões do relatório sobre Hess realizado pelos três catedráticos de psiquiatria norte-americanos: “*O papel dos psiquiatras no julgamento dos principais criminais de guerra do Eixo teve uma importância histórica. (...) A nomeação de psiquiatras procedentes de quatro países geograficamente distantes, que se exprimiam em três idiomas e pertenciam a culturas diferentes, garantiu a pluralidade do ponto de vista e a amplitude do enfoque dos estudos. (...) O facto de que os dez cientistas designados chegaram a conclusões idênticas sobre os temas principais da causa é prova de que a psiquiatria é uma ciência sólida. (...) O psiquiatra serve melhor à ciência e aos objectivos do tribunal penal quando, como testemunha imparcial, tem liberdade para utilizar o método científico na sua análise. (...) O seu relatório adquire o máximo valor quando os achados se expõem em linguagem médica estabelecida e compreensível. (...)*”². Relativamente ao caso Hess, os três catedráticos concluíam: “*Tem uma personalidade desequilibrada e tem um carácter neurótico que se tem manifestado ocasionalmente por sintomas históricos. A sua presente alegação de amnésia é uma destas reacções históricas e apareceu em relação ao dilema que teve que enfrentar em Inglaterra. (...) Nestes quatro anos, tem tido uma ampla variedade de sintomas: delírios de perseguição, duas tentativas de suicídio, pelo menos dois períodos de amnésia histórica, diversos sintomas somáticos, como dores abdominais, ao que parece de origem neurótica, e última - mente este arrebatamento teatral*”².

Hess foi finalmente considerado apto para ser julgado. Passou os primeiros dias do julgamento lendo um volume de contos dos irmãos Grimm, prestando pouca atenção ao que acontecia na sala do tribunal. Foi julgado e condenado

a prisão perpétua, morrendo aos 93 anos de idade, em 1987, na cadeia de Spandau, em Berlim, da qual terminou por ser o único (e último) inquilino.

5 - As Entrevistas de Goldensohn

Leon Goldensohn compartilhava a ideia, generalizada na época, de que os dirigentes nazis sofriam de alguma “patologia” e, apesar da amabilidade do trato, estava especialmente interessado em encontrar uma explicação para as suas “depravações”. Lamentavelmente, o psiquiatra apercebeu-se de que, a maioria deles, não apresentava nenhuma doença mental, e eram pessoas “normais”, “talvez demasiado normais”³, como reconhece o editor do livro de entrevistas de Goldensohn e, com a excepção de Rudolf Höss, acabaram por demonstrar grandes competências durante o processo.

A avaliação psicométrica feita pelo psicólogo Gilbert para medir o QI dos reclusos permitiu demonstrar que todos, menos um deles (Julius Streicher), possuíam uma inteligência superior à média (que correspondia a uma pontuação entre 90 e 110 no exame), sete tiveram um resultado superior a 130 e dois superaram os 140⁴. Segundo foi possível verificar, a maioria eram “bons pais de família” e muitos tinham recebido uma educação superior ou uma boa formação profissional.

Alguns dos detidos apresentaram crescentes sintomas de angústia e depressão à medida que se aproximava a data do julgamento, e dois dos arguidos suicidaram-se durante o curso dos julgamentos: Robert Ley, por enforcamento; e Hermann Göring, com uma injeção de cianeto, na mesma noite em que ia ser executado.

Com a relevante ausência dos quatro grandes (Hitler, Goebbels, Himmler e Bormann) - os três primeiros tinham-se suicidado antes de começar os Julgamentos e o último, o onnipotente secretário pessoal do fùhrer, tinha desaparecido após fugir, em estranhas circunstâncias, do bunker da Cancilheria - o livro de Goldensohn inclui entrevistas com os restantes personagens importantes do regime nazí.

Como era de esperar, os argumentos mais frequentemente usados pelos entrevistados para justificar os seus crimes incluem: o argumento da obediência às ordens dos superiores hierárquicos, o desconhecimento da existência dos campos de concentração, a ideia da guerra defensiva e a

recuperação do “espaço vital” que a Alemanha teria injustamente perdido no Tratado de Versalles. Mais surpreendente é, no entanto, o argumento usado por duas personalidades, Hjalmar Schacht, presidente do Reichsbank, e o general das SS Erich von dem Bach-Zelewski, quando referem que permaneceram no Governo de Hitler porque com a sua presença “*garantiam a presença de, pelo menos, um homem honrado no governo, o que poderia servir de controlo para Hitler*”³.

Goldensohn usa um modelo de entrevista não especificamente psiquiátrico, embora recolha, por vezes, a história médica e familiar dos entrevistados. Uma vez por outra, arrisca e aponta observações psiquiátricas, como no caso de Julius Streicher, fundador e director da famosa revista anti-semita *Der Stürmer*. “*Parece-me que Streicher é provavelmente um homem de uma inteligência normal, limitada e ignorante em geral, obcecado com um anti-semitismo maniaco, que lhe serve como válvula de escape aos seus conflitos sexuais, evidenciados pela sua preocupação com a pornografia. (Goldensohn reproduz a seguir excertos da entrevista ao examinado). A circuncisão é um plano diabólico judeu, além de muito lúcido para preservar a pureza racial da estirpe judia. Cristo era um judeu, nascido de uma mãe que era uma prostituta judia. Quem acredita na história da Imaculada Conceição? (...) Dá-me a impressão que Streicher tem uma velha personalidade psicopática cheia de conflitos sexuais e de outro tipo, cuja capacidade exprime-se mediante uma preocupação obsessiva que durante os últimos vinte anos substituiu as carências que teve na sua vida*”³. Durante os julgamentos, Streicher via conspiração judia em toda parte: assim queixava-se de que todos os advogados defensores tinham apelidos judeus, quando de facto não havia nenhum judeu entre eles. Ao psiquiatra Kelly confessou que aceitava o processo porque serviria de plataforma para advertir ao mundo da “*ameaça colossal*” que supunha o judaísmo internacional³. Este agitador de massas, que explica, numa determinada altura, que “*se todo o mundo tivesse a consciência tranquila como eu a tenho, ninguém teria que tomar comprimidos para dormir ou ir ao médico*”³, num gesto próprio de Lady Macbeth, precisa, no entanto, de esfregar diariamente – até durante a noite – o seu corpo inúmeras vezes com água fria e sabão.

Após entrevistar o coronel das SS Kurt Daluege,

Goldensohn conclui: “*Não há sinais de uma afecção mental orgânica. Sistema sensorial intacto. Não há sinais de disfunção mental de qualquer tipo. Emocionalmente, parece ser insensível, indiferente, não imaginativo e há sinais de um carácter obsessivo (isto é, a incomodidade que lhe provocam as cinzas na mesa e a letra tão limpa, como escrita à máquina). Declara ser um simples funcionário, o filho de um funcionário; não sabe nada das atrocidades e todas essas coisas. Está claro que devia ser o tipo de chefe ao qual se tinha que informar com todos os pormenores e de forma obsessiva de tudo o que fazia o pessoal a seu cargo, e, de facto, seguramente exercia um controlo muito estrito sobre os seus subordinados. Estou convicto que é pouco provável conseguir uma resposta emocional deste homem*”³.

Em ocasiões, temos que louvar a capacidade de distanciamento e o profissionalismo de Goldensohn, que, dada a sua origem judia, teve que sentir, mais do que uma vez, sérias dificuldades para continuar com o curso das entrevistas. Sirva como exemplo a entrevista com o general das SS, Bach-Zelewski, que, num esforço para demonstrar a sensibilidade do seu superior Heinrich Himmler, responsável principal da rede de campos de concentração, descreve a seguinte situação vivida por aquele num campo: “*Quando essas cento e vinte pessoas iam ser fuziladas, havia entre elas um rapaz judeu com aparência nórdica, loiro e de olhos azuis. Himmler fê-lo sair da fossa na qual os iam fuzilar e perguntou-lhe se era judeu, se todos os seus avós eram judeus. O rapaz respondeu que, até onde ele sabia, toda a sua família era judia. Então, Himmler disse que não o podia ajudar, e o rapaz foi executado junto dos outros. Isso revela que Himmler tentou salvar a vida do rapaz*”³.

Mas, se falamos de vazios emocionais, sem qualquer dúvida, a entrevista mais arrepiante é a de Rudolf Höss, comandante-chefe do campo de concentração de Auschwitz, responsável directo da morte de milhões de judeus. Höss pensava que era um simples funcionário cujo trabalho tinha sido o extermínio maciço de todo um povo. As suas respostas, lacónicas e contundentes, tornam desnecessário qualquer comentário:

“- *Goldensohn: Que pensa das suas próprias actividades? Disse que queria encontrar a paz interior. Sente-se perturbado emocionalmente?*

- *Höss: Apenas sinto que me doem os pés e que estou*



Rudolf Höss

mais preocupado pelo bem-estar da minha família do que pelo meu próprio.

- Goldensohn: O facto de ter conduzido à morte o incrível número de dois milhões e meio de homens, mulheres e crianças (...) não o perturba um pouco, de vez em quando?

- Höss: Pensava que estava a fazer o correcto, obedecia a ordens e agora, evidentemente, vejo que foi desnecessário e errado. Mas, não sei o que é o que quer dizer com isso de eu me perturbar com essas coisas, porque eu pessoalmente não assassinei ninguém. Eu só era o director do programa de extermínio de Auschwitz. Foi Hitler quem, através de Himmler, o ordenou, e era Eichmann quem me dava ordens relativas ao transporte.

- Goldensohn: Pensa alguma vez nessas execuções, gazeamentos, queima de cadáveres, noutras palavras, alguma vez lhe vêm esses pensamentos à cabeça e atormentam-no de algum modo?

- Höss: Não, não tenho fantasias desse tipo (...)

- Goldensohn: Tem sonhos de algum tipo?

- Höss: Não, de vez em quando sonho, mas de manhã não me lembro de nada. - Goldensohn: Tem pesadelos alguma vez?

- Höss: Nunca”³.

Nessa resposta aparentemente evasiva, “apenas sinto que me doem os pés”, limitando a resposta emocional ao plano concreto da corporalidade, quando confrontado com a sua eventual responsabilidade ética, este homem oferece, de maneira arrepiante, o seu testemunho mais definitivo, embora o leitor possa interrogar-se com Primo Levi *se isto é um homem*.

A pensadora alemã Hannah Arendt, no seu livro **“Eichmann em Jerusalém”** criou o conceito de *“banalidade do mal”*, para tentar encontrar uma explicação racional para a participação destes inúmeros homens “normais” no extermínio do povo judeu: *“O mais grave, no caso de Eichmann, era precisamente que houve muitos homens como ele, e que estes homens não foram perversos nem sádicos, senão que foram, e continuam a ser, terrível e terrificamente normais”⁵.*

O livro de Goldensohn é um interessante testemunho daquele período (magnificamente traduzido em termos plásticos por Max Ernst no seu quadro *“Europe after the rain”*) em que a Europa tentava libertar-se do mais danoso pesadelo da sua história. Mas, mais do que isso, tem, sobretudo, o intuito de compreender alguns dos fantasmas mais terríveis do homem contemporâneo, constituindo uma autêntica viagem ao coração das trevas da natureza humana.

Bibliografia

1. Levi, P (1990): Os Afogados e os Sobreviventes. Rio de Janeiro. Paz e Terra.
2. Overy, R (2003): Interrogatorios: El Tercer Reich en el banquillo. Tiempo de Memoria. Tusquets Editores. Barcelona.
3. Goldensohn, Leon (2004): Las entrevistas de Nuremberg. Editor: Robert Gellately. Taurus. Madrid.
4. Gilbert, GM (1995): Nuremberg Diary. Da Capo Press. New York.
5. Arendt, H (2004): Eichmann en Jerusalén. DeBolsillo. Barcelona.